

Entrevista

Sonia Bittencourt Silveira¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Entrevista concedida às professoras Carolina Scali Abritta e Victoria Wilson

Soletras: *Que trabalhos você destacaria para os estudantes da área dos Estudos da Linguagem como seminal dentro do campo da Polidez?*

Podemos destacar, como ponto de partida, os textos dos seguintes autores: R. Lakoff (1973) que aponta a necessidade de, durante as interações sociais, seguirmos duas regras conversacionais básicas: (a) ser claro e (b) ser polido, sendo que esta última pode levar à violação da primeira regra em determinadas circunstâncias; Brown e Levinson (1987[1978]), por sua vez, defendem a existência, em todas as línguas, de estratégias de polidez destinadas a lidar com a potencial ameaça dos atos de fala às faces dos interagentes e, finalmente, Leech (1983) em suas máximas da polidez adota a metáfora econômica “custo–benefício” que orientaria nossas escolhas das máximas conversacionais por ele apontadas.

Soletras: *O texto de Brown e Levinson (1987) é um clássico da área. Como você avalia a contribuição dada por esse texto para as pesquisas com polidez?*

A Teoria da Polidez de Brown & Levinson é um trabalho pioneiro em Pragmática em que há uma tentativa clara de se construir uma ponte efetiva entre os estudos da linguagem, focados em sua função informacional, e, até então, subestimada função interacional da linguagem.

Soletras: *Muita coisa mudou depois de B&L (1987)?*

A Teoria da Polidez tem sido criticada por ter como fundamento a teoria dos atos de fala e os princípios conversacionais de Grice (1975). A Teoria dos Atos de Fala, tem como tendão de Aquiles, se considerada a proposta de Searle (1987), a busca pela formalização, na tentativa

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (1971), mestrado (1976) e doutorado (1998) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP. Atualmente é professora Associada, aposentada, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, posicionamento em situações de conflito e o uso situado de estratégias de impolidez em diferentes tipos de atividade.

de se adequar ao paradigma linguístico então dominante. A principal consequência teórico-analítica é uma busca por princípios universais. A Teoria da polidez de Brown e Levinson sofre dessa influência, ao propor um modelo de polidez que não dá conta do fenômeno da variabilidade cultural e das escolhas sujeitas a variações contextuais das mais diferentes ordens. Quanto à influência de Grice na Teoria, críticos como Arundale (2006) apontam problemas em decorrência do modelo de comunicação adotado, o modelo do código, em que pouca ou nenhuma relevância é atribuída ao papel do ouvinte/leitor na co-constituição da comunicação.

Soletras: *O texto de Erwing Goffman sobre trabalhos de face também é outro clássico da área. Como você entende as relações entre face e polidez? E quais as repercussões dos trabalhos do sociólogo para os Estudo das Linguagem?*

Segundo Goffman, “face é o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si, através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu em um contato particular” (p 13). São relevantes nesta definição dois conceitos: o de linha e o de valores sociais. Linha deve ser entendida como padrão de comportamento verbal e/ou não-verbal adotado durante a interação. A linha adotada nas interações sociais está sujeita, então, a preocupações com os desejos de face positiva e /ou negativa nos termos de Brown e Levinson. Face e polidez, segundo esses autores, estão em relação direta, visto que a escolha de estratégias de polidez decorreria da tentativa de atender, concomitantemente, às regras: ser claro e ser polido.

Por outro lado, autores como Culpeper (2011) chamam nossa atenção para o fato de que “valor social positivo” é um conceito variável. Avaliações do que seria valor social positivo /negativo, associado à face e a trabalhos de face, dependendo, dentre vários fatores, de expectativas sobre comportamentos e normas sociais que orientam a linha adotada pelos participantes de um dado evento social.

Apesar dessas ressalvas, face, juntamente com construtos como “enquadre e footing” têm se mostrado poderosos instrumentos analíticos nos estudos da linguagem, principalmente em Sociolinguística Interacional. O *footing* caracteriza o aspecto dinâmico dos enquadres ao sinalizar os alinhamentos, as posturas dos interagentes, enquanto que o enquadre filtra os possíveis sentidos /interpretações das elocuções, funcionando como um foco de luz que atuaria sobre os sentidos que são co-construídos e negociados no curso das interações.

Soletras: *É relativamente recente a iniciativa teórica de separar os estudos de polidez dos estudos de impolidez. Como isso era visto antes e como você avalia essa mudança de postura teórica?*

A impolidez, nos estudos clássicos, era definida negativamente, ou seja, como falta de polidez, quando havia a expectativa dessa ocorrer. Atualmente, a impolidez tem sido vista como objeto de estudo com perquirições próprias, não podendo mais ser vista como um comportamento anômalo. Ao contrário, existem contextos em que comportamentos impolidos são mesmo esperados e validados. Tracy (2011) introduz a expressão “hostilidade razoável” para dar conta do uso de linguagem verbal “agressiva” em contextos em que discordâncias/discussões são comportamentos constitutivos da interação. Um exemplo disso seria o uso da linguagem em situações de conflito aberto entre litigantes.

Soletras: *Dentro de um mundo que pede cada vez mais um fazer científico voltado para fora dos muros da academia, que contribuições aplicadas os estudos de polidez e impolidez poderiam trazer?*

Se acreditamos que o uso da linguagem serve para construir e manter as relações sociais, ser polido/impolido deve ser visto como fator relevante na constituição de comportamentos sociais adequados às exigências dos diferentes contextos em que as pessoas interagem. Assim, o conhecimento especializado do assunto poderia ser usado para discutir os efeitos positivos ou negativos que nossas escolhas linguísticas podem ter sobre as relações interpessoais desejadas.

Soletras: *Como os estudos de polidez e impolidez podem ser pensados no campo da formação de professores?*

Professores podem ser beneficiados pelo estudo/discussão das teorias existentes sobre polidez/impolidez, já que desempenham um importante papel na formação dos alunos. Estudos mostram que preocupações com os desejos de face dos alunos garantem um ambiente propício a uma relação ensino/aprendizagem mais eficaz.

Referências

ARUNDALE, R.B. Face as relational and interactional: A communication framework for research on face, facework, and politeness. *Journal of politeness Research*, 2006, 2 (2): 193-216.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C.(1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.

CULPEPER, J. *Impoliteness: using language to cause offence*. Cambridge: Cambridge Press, 2011.

LAKOFF, R. The logic of politeness; or, minding your P's and Q's. In: *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*, ed. C. Corum, T. Cedric Smith-Stark, A. Weiser, 1973, pp. 292–305. Chicago: Department of Linguistics, University of Chicago Press.

LEECH, G. (1983) *The Principles of Pragmatics*. New York: Longman.

SEARLE, John R. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1987.

TRACY, K. “Reasonable Hostility”: Situation-appropriate face-attack. *Journal of Politeness Research* (4), 2008, pp.169-191.